

O CATHARINENSE

JORNAL POLITICO E NOTICIOSO.

Este jornal publica-se as quartas-feiras e sabbados de cada semana; assigna-se na typographia Catharinense, largo do quartel n. 41 à 58000 por anno e 33000 por semestre, pagos adiantados. Os annuncios dos Srs. assignantes, ate 10 linhas serão enseridos gratis, e para aquelles que não forem pagarão a 40 reis por linha.

O CATHARINENSE.

Insiste o «Cruzeiro» em querer passar por órgão do partido Silveirista, apesar de uma declaração formal do directorio, de que o «Catharinense» é o unico jornal autorizado a advogar e promover os interesses daquella parcialidade politica.

A vista de semelhante procedimento, e não nos occorrendo de prompto outro meio para convencermos o collega, de que tomou uma posição falsa, senão irrisoria, vamos perguntar-lhe de que pessoas compõe-se o seu directorio, e os nomes dos individuos, cujas opiniões representa o «Cruzeiro?.....

Creemos que não haverá a menor duvida em satisfazer n'isto ao «Catharinense» e ao publico ao menos desta capital, pois que em assumptos de tal natureza não deve haver mysterio.

Por enquanto prescindimos de apreciar o nobre motivo, com que o director do «Cruzeiro» procurou justificar a assignatura dos respeitaveis e honrados Cidadãos, que compõem o directorio Silveirista. Limitamo-nos a agradecer-lhe em seu nome o generoso elogio, com q' o circumspecto collega não duvidou tornar saliente a independencia de caracter, que os distingue.

Saiba porem o illustrado escriptor: que rendemos um tributo á verdade, protestando solemnemente contra suas palavras, quando declaramos, que nem o Exm. presidente da provincia influio na deliberação do directorio, nem os dignos membros delle são capazes de sacrificar os dictames de sua consciencia ao mesquinho interesse de conservar um emprego, ou as boas graças do poder.

O Illm. Sr. Dr. Francisco Honorato Cida de sahindo em defeza ao seu amigo, o editor do «Argos» dignou-se envolver o «Catha-

rinense» na questão da typographia ventilada pelo «Cruzeiro» disendo: que se maravilhava de que o redactor d'aquelle reproduzisse o dito affrontoso -- escamotagem --. Sentimos diser que S. S. está perfeitamente enganado, pois não é capaz de mostrar no «Catharinense» semelhante expressão.

Lêa portanto S. S. o nosso artigo em resposta a'quelle, com que nos aggreidio tão brutalmente o seu bom amigo, e verá que nos limitamos apenas a admirar, que o Sr. Lopes em vez de escoimar-se da nodoa, que lhe lançava o «Cruzeiro», investira contra o redactor do «Catharinense», e sobre elle descarregara toda a sua bilis.

Quanto à parte, em que parece invocar o nosso testemunho, temos a declarar que fomos alheios a semelhante transacção. Sabemos, é verdade, que a quantia empregada na compra da typographia foi adquirida por subscrição, porem ignoramos se os contribuintes foram ouvidos nesse negocio, e fizeram cessão do seu direito, ou doação das respectivas quotas.

Talvez alguém mais habilitado que nós, possa auxiliar á memoria de S. S., que sendo tão fiel na minuciosa narração dos factos, fahou-lhe no ponto, em que a nós se referio.

E' quanto pretendemos diser sobre um assumpto, que carece de toda a relação com o objecto e fim do nosso jornal.

NOTICIARIO.

QUE INDISCRICÃO--O Progressista confundido completamente com a publicação do decreto imperial, que exonerou o major Alvim, a seu pedido, do cargo de delegado da repartição das terras, dá como a entender que da secretaria de estado sahiram duas certidões de differente teor, e moralisa este facto, derramando-lhe todo o amargor da sua penna. Seria melhor que o contemporaneo,

antes de ousar pôr em duvida a fé, que merece uma repartição d'aquella ordem, e a probidade de seus empregados, mostrasse duas certidões do decreto imperial diversas em seu contexto, e não quisesse mistificar o publico comparando a certidão d'aquelle com outra de um aviso do ministro, em que communica simplesmente a demissão de *Pedro* e a nomeação de *Paulo* para tal emprego.

Confiando no cavalheirismo apregoado por nossos adversarios, esperamos que o seu orgão publique uma certidão do decreto imperial de 6 de novembro de differente teor da que publicamos no «Catharinense»: só assim acreditaremos no bom juizo que faz d'aquelles funcionarios, de outro modo, nunca.

LETTRA A VENCER -- Ao illustrado autor do artigo, que se lê nos ultimos numeros do «Progressista» sob a epigraphe--Ajuste de contas--o qual é dirigido exclusivamente a um dos redactores do «Catharinense» responderemos, logo que elle termine, e de modo a nada deixar a desejar. Os nossos leitores, que contemplem o formato de nossa folha, e relevem-nos a demora da contestação.

UM LEMBRETE--Ao Sr. official da guarda nacional que nos consta estar encarregado de *catechisar com ameaças* os guardas d'artilleria para votar com elle, advertimos, que se deixe disso, porque não pôde tirar bom proveito.

E aos Srs. guardas nacionaes, nossos correligionarios politicos, pedimos por especial favor, que quando estes *pombeiros* de votos se atreverem a tal, procurem duas testemunhas presenciaes do facto, e venhão ter conosco; pois desejamos muito conhecer esses innocentes, que tanto se queixão de seducções e ameaças.

PHAROL DA PONTA DOS NAUFRAGADOS.

Vamos por nossa vez pagar uma divida de gratidão aos cidadãos prestimosos, a quem a provincia de Santa Catharina deve um serviço importante, a execução de um de seus mais consideraveis melhoramentos, o Pharol da Ponta dos Naufragados á Barra do Sul da Ilha.

Attentas as forças da provincia e o lugar, que esta occupa na ordem de suas irmãs, o Pharol é uma obra monumental, que re-

commendará às benções da posteridade dos nomes distinctos, ambos credôres da gratidão publica, o Dr. Francisco Carlos d'Araujo Brusque e o capitão de fragata José Eduardo Wandenkolk.

A torre é circular, e tem de altura sobre o nivel do terreno, em que é construida, 56 e meio palmos até a beira inferior da cupula, e 196 acima do nivel do mar, na beira mar das aguas vivas, ficando o foco da luz na de 191 e meio palmos sobre o mesmo nivel.

O centro da torre marca a Lat. S. 27.º 49', 30", e Long. O. de Greenwich 48.º 34', 59", e é visível em uma zona comprehendida por 81.º 22', 30", no quadrante do S. E. pelos navegantes, que por elle passarem do Norte para o Sul e viceversa. As pontas de terra q' ficão mais salientes á dos Naufragados são: a dos Frades na mesma ilha, e a do Veado no continente: relativamente ao centro da torre demorão ao rumo magnetico d'agulha a 1.ª a E. 4 SE., e a segunda a S 4 SE.

O apparelho da luz é lenticular do systema de Fresnel e Arago: a lampada tem duas torcidas. Este apparelho parece ser de 2.ª ordem revolvente.

A luz apresenta duas phases, fraca e brilhante: o intervallo destas é de 30", deduzidos de 4' ou 240", tempo em que o tambor octogno faz a sua revolução completa.

Do cimo da torre desce um conductor que atravessando uma pequena cortina vai ter ao mar na direcção de S.

Da parte do Norte está a casa que serve de residencia aos empregados do Pharol.

Toda a obra está construida com a precisa solidez, e quanto á sua belleza e elegancia nada deixa a desejar.

No dia 12 do corrente o Sr. capitão de fragata Wandenkolk fez entrega do Pharol á fazenda nacional. S. Exc. o Sr. presidente da provincia tendo embarcado na canhoneira a vapor Araguay, dirigio-se a Ponta dos Naufragados afim de assistir a este acto. Alguns cidadãos acompanharam a S. Exc. As oito horas menos dez minutos da manhã chegou o vapor ao porto de seu destino, e depois do desembarque, pelas 11 horas foi servido um opiparo e confortavel almoço, preparado abordo, á expensas dos Srs. Wandenkolk, e commandante da canhoneira Castro Araujo. Estes dignos cavalheiros rivalisaram no empenho de obsequiar a S. Exc. e a sua comitiva com respeitosa franqueza, e delicado tracto. A meza fizeram-se varios brindes ao Exm.

Sr. presidente da provincia, aos Srs. Wandenkolk e Castro Araujo, á brava officialidade d'Araguary. S. Exc. dignou-se corresponder com um brinde: á confraternidade de todos os catharinenses.

Apezar de alguns aguaceiros e do ingreme caminho, que conduz do porto ao lugar do Pharol S. Exc. e a mór parte de seus companheiros de viagem ahí se dirigiram, para gosar ainda uma vez do bello panorama, que offerece esse ponto de vista. Com sfeito a realidade excede a toda a idéa por mais lisongeira. Só vendo-se poder-se-ha perfeitamente apreciar.

As cinco horas da tarde estava-se de volta na capital, depois de um dia cheio de impressões agradáveis, que jamais se riscarão de nossa memoria.

A provincia de Santa Catharina, diremos em epilogo, conta hoje um melhoramento de incontestavel utilidade publica no seu Pharol da Ponta dos Naufragados, e esta obra transcendente ella deve aos esforços, deligencia e genio creador do Exm. Sr. Dr. Francisco Carlos d'Araujo Brusque, e á constante dedicação, intelligencia, zelo e bons serviços do Illm. Sr. capitão de fragata José Eduardo Wandenkolk, que a concebeo e executou com seus próprios recursos intellectuaes, conseguindo deixar aos catharinenses uma doce lembrança de seu nome.

Ao traçarmos estas linhas não podemos occultar o sentimento, que nos magoa, lembrando-nos de que em breve se retirará dentre o povo Catharinense o Sr. Wandenkolk, a fim de cumprir em outra provincia a commissão, que desempenhou tão dignamente por espaço de alg^{os} annos.

Os Ceos o conduzão a salvamento aos braços de sua Virtuosa Esposa, que tambem entre nós soube conquistar verdadeiras sympathias, levando comsigo as benções dos orphãos e desvalidos.

CORRESPONDENCIAS.

Do Correspondente do «Catharinense».

Rio de Janeiro 2 de Dezembro de 1860.

Não é para admirar se me disser, que é dominado de mil sensações de esperança e tambem de temor de não ver a manhã o meo obscuro nome figurar no rol dos felizes agraciados pela munificencia imperial, que vou cumprir a minha promessa de analysar com toda a imparcialidade as vantagens e gloria, que colherá essa provincia com o triumpho desta ou d'aquella parcialidade: porem co-

mo ja fiz conhecer aos seus assignantes o desagrado, e a má impressão, que aqui na corte causou a apresentação dos Srs. Lamego e Luz, resta-me pois dizer algumas palavras a cerca da apresentação e merecimentos dos Srs. Dr. João Silveira de Souza e major João de Souza Mello e Alvim.

Não conheço qualquer dos dous candidatos, porque um, encarregado da mais importante missão, que o governo pode confiar ao mais prestimoso cidadão, está na provincia do Maranhão occupando o primeiro lugar, e o outro, sempre incumbido das mais arriscadas e importantes commissões de engenharia nessa provincia, nunca tiverá necessidade de amesquinhar-se no borborinho da corte, e gastar muitas solas de sapato no patamar das escadas de ministros para poder mostrar-se na sociedade occupando altas posições. Por esta simples razão ambos são pessoalmente desconhecidos da maior parte dos homens, que aqui na corte querem ter o exclusivo privilegio do poder e direcção dos negocios publicos: mas desde que se lembra ou se faz sentir, que o Dr. João Silveira é presidente da provincia do Maranhão, e que o major Alvim é engenheiro dessa provincia, e que ate aqui foi o delegado do director das terras publicas, a opinião publica, unico e competente juiz dos merecimentos alheios, favoravelmente acolhe a feliz inspiração e o rasgo de verdadeiro patriotismo da parte mais sensata do povo catharinense, que apresentou taes candidatos, como um publico testemunho do sentimento e vergonha, que a domina pela desazada e infeliz lembrança de alguns pobres d'espírito quererem a todo o custo fazer a gente seria desconfiar, que seja o Sr. Lamego homem de intelligencia e de prestígio. Sem duvida, uma tal apresentação equivale a um solemne protesto contra a responsabilidade de toda a provincia pela enorme tentativa de ridicularisar-se a representação nacional com taes instrumentos como o Sr. Lamego.

Ora, realmente não é preciso ser-se muito atilado para poder fazer um juizo seguro dos merecimentos quer de um, quer de outro; e como a comparação deve ser feita entre os mais importantes vultos de cada lado, estabeleçamos o primeiro paralelo entre o Srs. Silveira e Lamego. Não tenho medo de errar, quando digo, que o unico ter-

mo de comparação, que posso achar em tal dilemma, é o da dolorosa confusão de um rustico no gabinete de um chimico; porque quem tiver a felicidade de ver, basta só um palmo, adiante do nariz, esbarra logo com a enormidade da differença, que vai de um magistrado, de um lente de academia para um simples piloto, que não teve outra instrução mais que aquella, que poderia adquerir na nossa navegação de cabotagem. E a não ser a completa ignorancia de que o Sr. Lamego, apesar de ser chefe de divisão, não está no mesmo caso, nem tem as mesmas habilitações e estudos, que tem presentemente os nossos officiaes de marinha, por que talvez nunca passasse da escola de primeiras letras (e por signal que foi ella bem ordinaria, é que o tal mestre nem ao menos soube ensinar-lhe o portuguez) entretanto que os outros queimarão muitas vezes as pestanas, e durante tres annos tiverão de passar na academia pelas mais duras provanças, não posso admittir, que hajão catharinenses tão esturrados ou tão brancos, que queirão comparar a illustração desse homem com a de um doutor em sciencias juridicas.... Quanto a illustração está visto e provado, que tanto honrosa é para a provincia a candidatura do Dr. Silveira, quanto é impertinente e desastrada a mania do Sr. Lamego, que la em seo bestunto entendeu, que quem servia para supplente (bem entendido, por estrategia politica) pode muito bem ser tambem Snr. Deputado.

Vamos agora pois a questão do merecimento e direito, porque em taes emergencias não hé bastante «o quero por que quero» he preciso tambem que o candidato, que aspira a honra de representar sua provincia, mostre o pergaminho da gratidão, que ella lhe deva, pelos seus serviços, ou que quando mais não seja, mostre o quilate da sua importancia politica.

Não ha duvida, que a respeito de serviços Santa Catharina nada deve ao Dr. Silveira, porque apenas se formou, pouco tempo esteve no seio da sua familia, seguindo logo para as Provincias do Norte, onde altos destinos aguardavão sua presença: mas o que tambem he verdade, he que por mais que dê tratos aos miolos não descubro em que possa essa Provincia ser grata ao Snr. Lamego. Para fallar de sua importancia politica authoriso a chamarem-me toleirão, porque não ha, quem não saiba, que o Snr. Lamego

nunca se occupou de politica, nem talvez saiba (felizmente para elle) o que significa essa palavra: e se por a caso quizer arrotar os seus serviços na restauração da Laguna, lembrar-lhe-hei, que a maior parte dos Catharinenses, sem serem coagidos pela ambição do accesso, ou pelo temor da perda do posto, com o sacrificio de suas familias forão denodadamente arriscar sua vida em defesa da ordem e do Throno ameaçados.

Continúa.

PUBLICAÇÕES A PEDIDO.

Para o Illm. Sr. commandante superior da guarda nacional do termo LER E CUMPRIR
Codigo criminal

Artigo 163. Os effeitos da pronuncia são:
§ 1.º Ficar sujeito o pronunciado á accusação criminal:

§ 2.º Ficar suspenso do EXERCICIO DE TODAS AS FUNCÇÕES PUBLICAS:

& & &

A Sentinella da Lei.

Annuncios.

S. Francisco.

Para S. Francisco e colonia D. Francisca segue com brevidade o muito veleiro e novo hiato «Protector», para o resto da carga trata-se com

João Custodio Dias Furmiga.

Vende-se

Um excellente piano em bom estado, trata-se na rua do Principe n. 32.

João da Costa Nello Junior,

tendo brevemente de seguir para o Rio de Janeiro a fazer novo surtimento de fazendas, pede a seus devedores, para saldarem seus debitos com a maior brevidade possivel.

Typ. Catharinense de G. A. M. A.—1860.